

**EXPERIÊNCIAS
COMO MÉDICO MISSIONÁRIO
EM UM PAÍS MUÇULMANO**

JULIO RIBEIRO

USO RESTRITO
VERSÃO PRELIMINAR



EXPERIÊNCIAS COMO MÉDICO MISSIONÁRIO
EM UM PAÍS MUÇULMANO
Julio Ribeiro (pseudônimo)

Versão preliminar

Capa: Josanar

© PM Internacional

Apdo. 573 - 18080 Granada - España

www.pminternacional.org - info@pminternacional.org

O conteúdo da Coleção Muçulmania nem sempre corresponde com a opinião dos editores. Todavia, se publica como um meio de fomentar o intercâmbio de diferentes pontos de vista e motivar a reflexão.

2006 Primeira edição

Índice

Introdução	7
1. O chamado	9
2. A experiência do COT e pós-COT	17
3. Exercendo a profissão no campo.	25
4. Desenvolvimento e gestão de projetos	31
5. Profissionalismo x amadorismo	41
6. Missionário médico ou médico missionário?	49
7. Portas que se abrem	55
Conclusão	59

Introdução

FAZ JÁ ALGUM TEMPO que vinha pensando na possibilidade de escrever algumas linhas a respeito de nossa experiência como médico missionário num campo onde a maioria da população é de confissão muçulmana. O doutor Abel Panoto, companheiro de profissão, argentino, que viveu e trabalhou muitos anos no Paraguai como médico missionário sempre me incentivou a escrever sobre este tema. A intenção principal ao redigir este texto é de primeiro realizar uma auto-avaliação e também permitir que outros colegas quando venham ao campo possa extrair algo de positivo através das diversas situações que vivenciamos.

O AUTOR

CAPÍTULO 1

O chamado

ESTE É UM ASPECTO interessante, a razão principal de estarmos e nos mantermos no campo missionário. Diante de diversas situações vividas, e nos momentos de maior dificuldade é a convicção do chamamento de Deus que nos sustenta e renova nosso ânimo para o trabalho. Por esta razão mesmo um profissional que exerça uma atividade extremamente útil no campo e na obra de plantação da igreja, necessita ter um chamado claro e específico do Senhor. Nos momentos de crise, onde passamos problemas na família, quando o ministério não caminha como desejamos e outras dificuldades, algumas inesperadas, batem à nossa porta. A única convicção que nos mantém firmes é o chamado. O trabalho secular pode estar caminhando bem, consulta-se muitos pacientes ao dia, o trabalho se expande, e o missionário sente que sua profissão é realmente importante para a população que está sendo beneficiada; e a própria população o confirma, através de palavras e gestos de gratidão e reconhecimento. Isto faz bem e é justo. Entretanto quando faltar o reconhe-

cimento da população, quando algumas coisas que planejamos não se concretizam, quando nos vemos bloqueados por fatores os mais diversos, quando a crise financeira atinge o trabalho, quando não alcançamos os alvos, quando encontramos obstáculos relacionais com as pessoas que trabalhamos. Nestas horas difíceis ter um diploma médico, ou uma especialização, ou uma clientela que te admira e respeita não servem para nos manter no campo. O único fator que nos mantém firmes é a convicção do chamado.

Porque insisto tanto neste ponto? Porque creio ser fundamental. Pois algumas vezes podemos ser tentados pela qualificação profissional que o vocacionado apresenta. Seduzidos pelas diversas possibilidades e portas à evangelização que se podem abrir, caso ele aceite trabalhar como missionário em um de nossos campos; podemos cair no erro de não verificar cuidadosamente se realmente se trata de um verdadeiro vocacionado ao ministério missionário. É com muito temor que menciono isto, mas é sabido que a crise financeira e o desemprego em nossos países latino-americanos são crescentes. Vislumbrando a oportunidade de conseguir uma ocupação no exterior, aprender outro idioma, viver em uma outra cultura, alguns podem ser erroneamente motivados por estas razões, até mesmo sem se renderem conta do que estão fazendo e do compromisso assumido. Creio que podemos evitar estes tipos de situações, que são constrangedoras para o candidato a missionário, a igreja e a missão. Precisamos ser criteriosos na aceitação e avaliação continuada de profissionais vocacionados ao campo missionário. Digo avaliação continuada, pois a vocação não é algo estático. Creio que desde o momento em que ouvimos o chamado de Deus até chegarmos ao campo e permanecermos ali em serviço por muitos anos, muitas coisas acontecem.

Neste momento desejo compartilhar minha experiência pessoal de chamado. Ainda era um adolescente quando no final

dos estudos secundários me perguntava e orava ao Senhor buscando saber qual era minha verdadeira vocação. Algumas pessoas na igreja diziam que deveria ir ao seminário e tornar-me um pastor. Porém, sempre tive, desde os seis anos de idade, o desejo de ser um médico pediatra. Vivendo esta angústia da indecisão me pus a orar, estudar e realizar os testes necessários para ingressar na Faculdade. Perguntava sempre ao Senhor se era este o caminho que deveria seguir. Prestei concurso vestibular em várias entidades no país. E embora tivesse uma boa preparação escolar não conseguia ser aprovado. Até que no dia 23 de fevereiro de 1991 (coincidentemente data de meu aniversário), fui aprovado para ingressar na Faculdade de Medicina de Itajubá, em Minas Gerais. Lembro-me que sabendo do resultado, no mesmo momento me ajoelhei agradecendo ao Senhor pela aprovação no concurso. Nesta hora recebi meu chamado, foi quando Deus me disse que eu havia entrado na faculdade de medicina não pelos meus méritos, mas por Sua vontade, e que Ele queria que lhe entregasse minha profissão. Sem saber a que rumo me levaria àquela decisão, sem hesitar, consagrei naquele dia minha profissão ao Senhor. Somente um ano mais tarde, em um congresso de Fazedores de Tendas, ao ouvir a pregação e testemunho do Dr. Stephen Foster, médico missionário que trabalhava em Angola, pude então compreender que Deus desejava usar minha profissão para o serviço missionário na África negra. Depois destes dois eventos marcantes para mim, muitas outras confirmações se sucederam e através de congressos que assisti, livros que li e diálogos que participei, a certeza de um chamado e direções mais específicas foram se aclarando em minha mente. Durante os anos de faculdade Deus permitiu que recebesse a influência de pessoas como a missionária Sulamita de Barros, pastor Josué Martins diretor da Missão Avante, que muito me incentivaram e não permitiram que a visão se perdesse ao longo dos anos. Somente no ano

de 1997, enquanto realizava a especialização em pediatria, na cidade de São Paulo, ao ouvir os missionários Silas e Yoná. E depois de uma conversa rápida e informal com Ivoneide, uma dentista brasileira que trabalha em um país africano, fomos desafiados a trabalhar em um país muçulmano. Após uma visita prévia para conhecimento do campo e do trabalho da missão, nos sentimos motivados como família a nos instalarmos no país e desenvolvermos um trabalho como médico missionário.

Julgo que alguns fatores foram determinantes para que mantivéssemos nossa visão, chamado e assim viéssemos ao campo. Um apoio importante veio por parte de alguns irmãos da igreja e da missão Avante que nos incentivaram e orientaram durante nosso tempo como estudante de medicina. No período de faculdade creio ser o momento mais propício para ganhar ou perder candidatos ao campo. É um momento onde pelo afastamento dos pais, mudança de cidade e outros fatores, o jovem se apresenta mais susceptível às boas ou más influências. É ainda na universidade que o jovem estudante está aberto a sonhar com a possibilidade de servir a Deus e ao mundo com sua profissão. Entretanto é também na universidade que este pode se perder ou esquecer seu chamado, dando lugar à cobiça de se transformar em um profissional famoso, bem sucedido e com muito dinheiro. Acredito ser a universidade um grande celeiro de missionários, ainda pouco explorado por igrejas e missões. Não podemos esperar que o jovem se forme, tenha seu emprego, seu bom salário, estabilidade, casa, mulher e filhos para desafiá-lo ao campo missionário. Embora Deus possa fazê-lo rapidamente, não é fácil convencer um profissional que já está postado na vida a deixar tudo e ir para um país desconhecido como missionário. Seria muito melhor se pudéssemos fomentar esta mentalidade de dedicação e serviço a causa do Reino já quando o vocacionado está realizando seus es-

tudos, ou no máximo quando esteja iniciando sua vida profissional.

Um segundo fator importante foi a possibilidade de realizar uma visita exploratória prévia ao país destino. Onde tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da cultura, sentir e ver as necessidades com os próprios olhos e conhecer a missão que iríamos trabalhar. Conhecer de perto quais projetos eles desenvolviam e qual era a filosofia da organização, bem como as oportunidades de trabalho oferecidas. Isto nos ajudou muito e trouxe tranqüilidade e segurança para deixarmos nosso país natal. Facilitou nossa adaptação cultural diminuindo alguns choques iniciais.

Um terceiro fator, que desejo citar, e que para mim é fundamental no chamado, é a escolha do companheiro ou companheira (para os que são solteiros logicamente). Minha esposa Andréa sempre foi um grande apoio ao meu ministério e ela também foi chamada individualmente pelo Senhor para estar no campo. A posição do cônjuge é muito importante, pois este pode colaborar ou atrapalhar, principalmente senão tiver convicção do seu chamado, e estiver apenas acompanhando o outro. Conhecemos muitas histórias de jovens, com boa formação profissional e bíblica, com sincera vocação que não a levaram a termo por causa de uma escolha equivocada na hora de se casar. Precisamos orientar e a tempo, os jovens sobre o perigo de se casarem com o que chamaria de “coveiros(as) de vocação missionária”.

Acrescentaria que o chamado é confirmado realmente após a chegada no campo, passado o período de “lua de mel”, quando o obreiro enfrenta as primeiras crises e dificuldades. Os primeiros anos são a grande prova e confirmação da vocação. Eu particularmente digo que em meus primeiros três anos de campo, me considerava um candidato a missionário, e que agora de re-

gresso para um segundo período penso estar começando a transformar-me em um missionário. Parece ser neste momento que nosso ministério vai se iniciar. O chamado é algo dinâmico, que se confirma e reafirma a cada dia, em cada situação diferente, passando pela crise, diante das oportunidades e desafios. Neste aspecto como citou Pedro Jones: “necessitamos compreender o chamado dentro do chamado”. Ou seja, Deus pode ter outros chamados dentro do chamado.

Acredito então que as missões e missionários que já estão no campo devem estabelecer estratégias claras e objetivas para alcançar estes jovens nas universidades. Devemos orientar os jovens nas igrejas acerca do chamado missionário, suas implicações, incentivá-los, orientá-los quanto ao preparo e não deixar morrer a disposição que eles têm em servir ao Senhor. Estar atentos aos momentos onde o missionário no campo está em crise em função de seu chamado e ajudá-lo. Precisamos entender que a concretização do chamado em profissionais tem certas particularidades que precisam ser levadas em consideração. Estas particularidades são preocupações e questionamentos que muitas vezes não são levadas em conta por outros candidatos ao campo, que não são profissionais. O profissional missionário que deixa seu trabalho para vir ao campo necessita sentir credibilidade na missão com a qual vai trabalhar, precisa saber com maior precisão onde vai se instalar no futuro, em que local e de qual maneira vai estar utilizando sua profissão, necessita saber se realmente há oportunidade para desenvolver sua área no país destino e com a organização com a qual está firmando um contrato como missionário. São algumas questões que o candidato coloca e que necessitam ser respondidas com objetividade pela liderança da missão com a qual ele vai trabalhar. Alguns podem vir com projetos claros do que desejariam fazer, e precisam ser levados em consideração e discutidos. Lembro-me que quando estávamos

contatando a missão para vir ao campo, e estabelecendo parceria via Avante, eu tinha muitas destas perguntas na cabeça, e inclusive um esboço de projeto de trabalho. Ao visitar o campo e o escritório em Granada eu me senti em parte aliviado e esperançoso por ver que realmente se tratava de uma organização séria, que estava interessada no trabalho de profissionais no campo e que para onde nós iríamos havia oportunidade de trabalho. Contudo confesso que me senti desencorajado ao conversar com um dos líderes da missão, ao apresentar-lhe o esboço de nosso projeto, pouca atenção ele nos deu e disse: “não se importe com projeto agora, pois isto não tem importância no momento, quando chegar ao campo aí vocês vão definir o que vão fazer”. Isto para nós foi muito ruim, e sei que o obreiro deve ser flexível às mudanças e variações nos projetos desenvolvidos, contudo o que precisávamos naquela hora era saber com objetividade o que poderíamos fazer e se nosso plano de trabalho era compatível ou não. É verdade que muitos outros líderes nos estimularam e levaram em consideração os sonhos que tínhamos no momento. Por parte de algumas pessoas na organização pode haver a mentalidade ao orientar um profissional, quando este coloca certas questões, de considerá-las não relevantes, ou não oportunas para o momento, e deixá-las de lado, o que pode acarretar desânimo ou até mesmo a não adesão do candidato. Neste momento é preciso ter primeiro paciência e compreensão, ter pessoas experientes e preparadas para orientar este tipo de candidato. Pode ser difícil para alguém que não está acostumado a lidar com missionários profissionais, compreender e responder certas questões específicas. Algo que poderia ajudar no processo de seleção, é ter ao lado do responsável pelo recrutamento um profissional missionário experientado, em contato com o candidato, disposto a responder às perguntas mais específicas sobre o trabalho. Mais interessante ainda seria se encontrasse um profissional da mesma área para

fornecer as orientações. No processo de seleção e recrutamento não podemos levar em consideração apenas os fatores como chamado espiritual para o campo, experiência cristã, formação teológica e missionária, experiência transcultural prévia e outros temas que julgamos serem importantes e essenciais à admissão do candidato. Necessitamos considerar alguns fatores particulares dos candidatos com uma profissão, e que desejam utilizá-la no campo como ferramenta de ministério para a Evangelização. Neste aspecto ainda faço uma ressalva, seria interessante identificar aqueles que mesmo sendo profissionais não desejam exercer sua profissão no campo, e aqueles que desejam desenvolver de modo pleno sua capacidade profissional. É importante aclarar esta questão antes e durante a chegada do obreiro no campo para evitar conflitos e frustrações. Conhecemos casos de médicos, enfermeiros, engenheiros e outros que ao chegarem no campo trabalham unicamente no ministério de plantação de igrejas sem ter o desejo de desenvolver algo na sua área. Isto deve ser visto como algo natural, como uma opção pessoal. Forçar alguém a se envolver em um trabalho motivado pela necessidade do campo, sendo que a pessoa não tem a vocação para tal, é um erro e pode acarretar problemas. É por isto que concluo esta parte dizendo que o profissional missionário que usa sua profissão no campo, deve ter dois chamados ou vocações. Um chamado para ser um missionário e um chamado para ser um profissional no campo missionário. O primeiro significa uma vocação para servir a Deus anunciando o Evangelho aos perdidos no mundo. O segundo é uma vocação para servir a Deus dedicando sua profissão aos necessitados do mundo.

CAPÍTULO 2

A experiência do COT e pós-COT

O MISSIONÁRIO DEIXA SEU emprego no país natal, prepara sua família para a mudança, busca os recursos necessários para vir ao campo, se despede dos parentes e igreja, toma o avião para o tão esperado destino, o campo missionário. Após ter chegado ao novo país, depois de haver descansado um pouco, nos primeiros dias pensa e se pergunta: “Quando vou começar a trabalhar? Quando vou atender o meu primeiro paciente africano?” São perguntas que a maioria dos profissionais missionários recém chegados ao campo fazem. Elas expressam uma certa ansiedade natural que temos de por em pratica nossas habilidades o mais pronto possível. Creio que em algumas áreas deve ser mais complicado. Para um médico que consultava 50 ou mais pessoas por dia, ver-se num país sentado sem poder consultar, é por vezes intrigante e desanimador. Entretanto como consultar? Se não conseguimos nem comprar um pão na padaria, como vamos prescrever uma receita?

Louvamos ao Senhor porque fomos bem orientados desde o início através de um curso denominado Curso de Orientação Transcultural (COT), que foi uma ferramenta durante nossa instalação no país.

O COT foi uma experiência muito positiva para nossa família. Nos auxiliou em muito na adaptação à nova cultura e no aprendizado do idioma local. Realmente é um período de suma importância na entrada do missionário no campo. Em todo o tempo fomos bem assessorados e não temos do que nos queixar. Quando deixamos o Brasil já tínhamos sido orientados pela missão que passaríamos vários meses em treinamento antes de iniciarmos o trabalho como profissional. Este tipo de orientação foi fundamental para nos trazer tranquilidade e evitar decepções e choques. Acredito que mesmo sendo um profissional, o obreiro que chega deve passar por um treinamento de adaptação cultural e aprendizado do idioma nacional. Levado pela ânsia de trabalhar o mais rápido possível, pela impressão de que estamos perdendo tempo quando não desenvolvemos nossa atividade; o obreiro pode não compreender a necessidade de participar integralmente do COT. Durante o tempo de treinamento e estudos temos a oportunidade de observar a cultura, aprender o idioma falado pela população com a qual vamos trabalhar, compreender a sua cosmovisão, isto no futuro se torna uma ferramenta eficaz no próprio trabalho como profissional. Um exemplo claro disto é que muitas vezes ao tratar uma criança no consultório, ao ver que esta tinha as suas unhas grandes e sujas, fator que facilita as infecções, dizia às mães que cuidassem da higiene de seus filhos e cortassem suas unhas. Até que um dia, na aldeia, escutando uma conversa, entendi porque as mães não cortavam as unhas de seus filhos quando lhes era pedido. Isto se explica culturalmente, pela crença de que se a mãe cortar as unhas de seu filho quando este ainda é criança, ele pode se tornar um ladrão. Esse era então o

motivo pelo qual elas não faziam o que solicitava. Diversas experiências e uma gama enorme de dados e informações podemos obter se nos envolvermos com o povo já desde o início. Falar o idioma local é fundamental, e portas se abrem por causa disto. Não se pode desenvolver a profissão no país sem poder se comunicar bem com os nativos. E muitas vezes pode ser perigoso, como na área de saúde onde facilmente a pessoa pode por má compreensão, fazer um falso diagnóstico e administrar o medicamento errado, ou até mesmo fazer o diagnóstico correto e não ser capaz de explicar o tratamento corretamente, o que provocará um fracasso na terapêutica. É interessante remarcar que em algumas situações, quando estive em grandes hospitais da capital, somente pelo fato de me comunicar no idioma local com os pacientes e não em francês, gerou uma boa aceitação por parte dos colegas médicos e uma atitude de respeito. No que tange nosso trabalho na comunidade e nas aldeias, vemos que os pacientes sentem confiança em vir a consulta, pois vão encontrar um médico branco, mas que entende um pouco o idioma do povo. Estes poucos exemplos que cito são para reafirmar a importância de que o profissional missionário esteja ao menos no seu primeiro ano de campo, consciente e disposto a estudar mais o idioma e a cultura que trabalhar em sua área.

Terminado o COT, iniciamos o pós-COT, que para mim é um período mais delicado. Normalmente nesta fase o principiante deve continuar seus estudos de idioma e observações culturais, a missão nem liderança local exigem que ele se envolva em algum tipo de trabalho, mas que se dedique nestas duas áreas já mencionadas. Esta atitude é muito importante, pois não se exige do missionário um envolvimento para o qual ele ainda não está totalmente preparado. O profissional pode ser tentado a se envolver em atividades de modo precipitado, fator que prejudicará o aprendizado da língua em alguns casos. Em minha experiência

pessoal cometi este erro. Iniciamos o COT em abril e nos mês de setembro, já no pós COT, começamos a consultar e assumir determinadas responsabilidades no trabalho da missão no país. Fazendo uma avaliação, vejo que foi muito precoce e não deveria ter me envolvido tanto naquela época. Certos erros e problemas que passei, bem como conflitos, um cansaço precoce e não poder avançar no idioma como desejara, poderiam ser amenizados ou evitados se tivesse sido mais sábio ao assumir responsabilidades. Por outro lado, eu vejo que se o pós-COT não for bem orientado, o missionário pode ficar um pouco “preguiçoso”, por não estar envolvido em nada diretamente, ou até mesmo intencionalmente com medo da cultura e por não saber falar como convém, busca se esconder, não participando em nada. É preciso um equilíbrio entre o "se envolver precocemente" e o "não se envolver com nada". No caso dos profissionais missionários, alguns aspectos devem ser considerados. Devemos pensar e buscar modos de nesta segunda fase de seu treinamento fazer com que ele possa tanto envolver-se na sua área de trabalho como manter um bom nível de estudo do idioma, que deve continuar sendo a prioridade. Uma boa maneira de promover isto seria fazer com que o iniciante participe de estágios em sua área de trabalho. Desta maneira ele poderá praticar sua profissão, ter contato com os nacionais que tem a mesma formação, perceber como desenvolvem a sua profissão no país, escutar e falar o idioma local (aprendendo os termos técnicos da língua) e estabelecer relacionamentos e contatos. O missionário aproveitará melhor o tempo para aprender, pelo fato de não ser ele o responsável direto pelo trabalho. Este é um ponto crítico também. Creio que o iniciante não deve assumir grandes responsabilidades, como dirigir ou iniciar um projeto antes dos dois primeiros anos de estudo. Porém, ao mesmo tempo não pode estar totalmente solto, fazendo o que desejar, sem se envolver em sua profissão. Há uma linha muito tênue en-

tre estes dois lados, que dificulta um posicionamento equilibrado. De um lado podemos nos envolver precocemente no trabalho, assumindo responsabilidades e deixando em segundo plano o estudo de idioma. Sendo que em alguns casos pode o trabalho ser até mesmo uma fuga para não aprender o idioma como se deveria. Por outro lado, o iniciante pode envolver-se tão pouco no trabalho que depois terá dificuldades para recomeçar. E o fato de não estar com todo o tempo tomado por consultas e outras atividades afins não quer dizer que a pessoa aproveitará este tempo para o estudo da língua. É neste momento que o missionário pode sentir bastante desânimo. Por estar num estado meio mórbido, onde vê que não se encaixam bem as coisas. Ele necessita aprender a língua local e ao mesmo tempo sente necessidade de exercer sua profissão.

Certa vez, quando estive em contato com um missionário que trabalhou por muitos anos na Rede Globo do Brasil, e que se transferiu para a Espanha com o intuito de trabalhar em uma rede evangélica, ele me compartilhava acerca de suas dificuldades de adaptação no campo, e um dos fatos importantes que ressaltou durante nossa conversa foi a saudade que sentia do local de trabalho no Brasil, e como não ter o mesmo ambiente de trabalho do Brasil o desanimava e em alguns momentos causava até mesmo frustração. Outro missionário que trabalha na área de saúde contando sua experiência de cot e pós-COT dizia que muitas vezes sentia-se mal, pois no Brasil trabalhava em pleno tempo, de manhã até a tarde, depois ao chegar no campo tinha a impressão de que não estava fazendo nada, porque não tinha a oportunidade de exercer sua profissão como desejaria.

Uma espécie de saudade do ambiente de trabalho que envolve o coração e pensamento do profissional missionário. Pensei muitas vezes nos corredores e salas dos hospitais que

trabalhei no Brasil, nos antigos colegas de plantão, dos pacientes que tratei, em certos tipos de procedimentos que realizava e não os faço mais no campo. É uma fase que o missionário passa durante o pós-COT e que deve ser levada em consideração. Período de adaptação, onde o profissional deve começar a se encaixar no contexto do novo país. Quando ele sente muita falta de seu antigo trabalho e das coisas que fazia por lá. Sente falta da correria e agitação a que estava acostumado. Nesta hora começamos a nos questionar o que estamos fazendo no campo e a perguntar se de verdade vamos ser úteis na Obra do Senhor. O desânimo e até mesmo a depressão podem atingir o obreiro nesta fase, que é muito perigosa e não pode passar despercebida pela liderança local. Durante este período ele necessita receber apoio, aconselhamento e oração. Contudo creio que se houver um envolvimento orientado do missionário com sua área de formação no novo país, este momento de crise pode ser amenizado.

A missionária Renata que trabalha como fisioterapeuta, teve uma excelente adaptação. Ela se dedicou integralmente ao COT, e durante seu Pos-cot procurou não assumir grandes responsabilidades quanto ao trabalho da missão nos dois primeiros anos. Contudo preocupou-se em realizar um estágio em um hospital público. Esta atitude contribuiu para a prática do idioma, desenvolvimento de amizades, permitiu a prática da fisioterapia em um contexto nacional resultando numa boa adaptação no país.

Portanto, acredito ser importante que o missionário se dedique a tempo exclusivo durante o COT e no período de Pós-COT este necessita de uma mescla de estudo de idioma, contato com a população e cultura e envolvimento gradativo em sua área de trabalho. Sendo orientado e acompanhado por missionários mais experientes e que neste grupo esteja presente um profissional. Gostaria de terminar esta parte repetindo uma frase que este pro-

fissional que vive na Espanha me disse durante nossa conversa: “Só um profissional missionário pode entender certas inquietudes de outro profissional missionário”.

CAPÍTULO 3

Exercendo a profissão no campo

ENTENDENDO QUE O MISSIONÁRIO já passou pelo COT e boa parte do pós-COT, começa então uma busca mais objetiva de como exercer a profissão no campo missionário. Geralmente as oportunidades que nos apresentam são muito grandes; principalmente em se tratando de países em via de desenvolvimento. Maior que as oportunidades são as necessidades que parecem bater e até mesmo gritar na nossa porta. Necessidades entre a população com a qual se está trabalhando, necessidades na equipe e nos projetos que a missão desenvolve no país. Neste momento a soma das necessidades e oportunidades, querem nos levar a tomar uma decisão por este ou aquele tipo de trabalho.

É uma decisão muito difícil de se tomar. Principalmente por termos um conhecimento superficial do país, da cultura e mesmo da equipe e trabalhos da missão no local. Estes fatores não permi-

tem ao recém chegado discernir com clareza qual área específica e como ele vai desenvolver sua profissão no país.

Impulsionado pelas necessidades, seduzido pelas oportunidades e movido pelo desejo de trabalhar o novato pode tomar uma decisão precipitada ao optar pelo envolvimento em certo projeto. Os líderes locais e colegas por vezes podem pensar que o bom missionário é aquele que chega e logo se oferece e se envolve no trabalho assumindo responsabilidades. Ainda mais se compararem o número de missionários na equipe e as frentes de trabalho que se deseja estabelecer.

Em nossa experiência pessoal, cumprimos o COT normalmente, e apenas seis meses após haveremos chegado ao campo já estávamos consultando na comunidade e assumindo certas responsabilidades no trabalho. Nos envolvemos em algumas atividades como a consulta de adultos, por exemplo, e em outras áreas que como especialista em pediatria, com a visão e experiência que tenho hoje, não faria do mesmo modo se tivesse oportunidade de recomeçar. Não culpo nenhum líder pelas decisões precipitadas que tomei e pelas falhas que cometi neste sentido, mas culpo somente a minha falta de experiência e maturidade. Quero dizer que no começo podemos nos envolver em atividades que não nos cabem fazer. E o que vejo como pior, o missionário pode iniciar projetos novos na missão o que será mais difícil de fazer alterações ou até mesmo fechar no futuro, se for necessário.

Penso que os dois primeiros anos não são um bom momento para que o missionário tome decisões importantes quanto ao seu envolvimento como profissional. E muito menos recomendável que inicie novos projetos no país. Seria interessante que este procure, como já disse anteriormente, se envolver em sua área de trabalho, tendo a oportunidade de exercê-la por um tempo, seja em trabalhos que pertençam à missão e/ou ministérios desenvol-

vidos por outras organizações e até mesmo entidades públicas. Optar por um envolvimento gradativo, que leva o obreiro a conhecer a realidade local e baseada nela fazer uma opção consciente de ministério; pode ser muito mais benéfica, sábia e produtiva. Além de diminuir choques e decepções que podem ser evitados.

Em meu ponto de vista o início de novos projetos com os quais a missão ainda não esteja trabalhando no país, seria recomendável a partir do retorno do missionário, após seu período de licença, cumprido os três primeiros anos. Isto porque muitos fatores vão ser definidos após este período, e iniciar um novo projeto antes disso seria muito arriscado, por ocasionar uma sobrecarga de trabalho na liderança e equipe local. Esta por vezes se vê constringida em manter a atividade começada em benefício da população alvo. Geralmente após os três primeiros anos é que o missionário vai realmente confirmar se retorna ao campo, se retorna definirá se continua ou não com a missão com a qual trabalhava e algumas vezes esta decisão pode ser influenciada por seus líderes no país de origem. Ou seja, são uma séria de incertezas que tornam um pouco imprudentes o início de novo projeto nos três primeiros anos de campo. Entretanto, creio que o missionário pode estudar, avaliar, escrever e até mesmo a título de ensaio realizar um projeto piloto. Com o intuito de avaliar os planos que estão sendo propostos por ele ou pela missão.

Outro fator importante no momento de decidir como vamos exercer nossa profissão no campo é saber se vamos estar trabalhando, no que tange o exercício da profissão, diretamente com a missão ou ligados a uma outra estrutura, seja por meio de uma parceria, contrato de trabalho ou outra maneira. É natural que ao chegar um profissional na equipe, todos pensem que este vai exercer sua profissão em um projeto ligado a missão, abrindo um novo ministério no local. Esta expectativa pode ser frustrada al-

gumas vezes. Com certeza muitos vão chegar ao país com o desejo de trabalhar em um centro dirigido pela missão e diretamente em prol da mesma. Entretanto outros podem discernir que o melhor seria trabalhar em parceria com uma outra missão, ou prestar serviço em outra estrutura como voluntário num hospital público, por exemplo. Ou até mesmo a pessoa pode fazer a opção de não exercer a profissão no país e dedicar-se exclusivamente a evangelização e plantação de igreja.

Em nosso caso desde o princípio estávamos decididos a vir, e apoiados pela missão, levantar uma estrutura sanitária, onde pudéssemos trabalhar, e que outros profissionais viessem ajudar e servissem de apoio para a missão como ferramenta evangelística. E, todavia mantemos este objetivo.

Quais seriam então os fatores que influenciam nesta tomada de decisão? Acredito que o fator básico é se a missão tem ou não condições de absorver o profissional a fim de que ele exerça plenamente sua formação. E caso contrário se ela promoverá ou não, num futuro próximo, as condições para tal. Para mim este é um fator básico que o profissional missionário quando chega analisa e observa na missão. Nos perguntamos: Será que a missão se interessa em desenvolver um projeto na minha área de formação? Eles vão buscar os recursos necessários para seu desenvolvimento? São algumas das várias questões que o missionário levanta, e que influenciam diretamente na sua decisão de trabalhar diretamente com a organização a qual faz parte. Por parte da missão a resposta necessita ser bem honesta e realista. Pois como latinos temos certa dificuldade em dizer não. E quando o departamento que recruta o profissional vê que não há meios de nos próximos anos ajudá-lo a desenvolver seu projeto, é importante ser coerente e dizer "não podemos iniciar algo na sua área". E não dizer um sim, no simples desejo de ter o profissional em nossa organização, na mentalidade de "vamos ver o que vai

se passar depois”. É algo sério e que precisa ser bem tratado antes da chegada do missionário ao campo. Isto evita desentendimentos, decepções e baixas na equipe.

Concluindo acho melhor que o profissional missionário no começo possa estar se envolvendo gradativamente em sua área, não esquecendo que os dois primeiros anos devem ser dedicados ao estudo do idioma. E que depois deste período ele possa começar a se engajar mais seriamente em algum tipo de ministério. A abertura de novas frentes de trabalho seria recomendável após uma permanência de três anos, tendo retornado de seu período de licença. E o missionário precisa, junto com a liderança da missão, avaliar seriamente quais são as possibilidades de exercer sua profissão no campo.

CAPÍTULO 4

Desenvolvimento e gestão de projetos

O DESENVOLVIMENTO E GESTÃO do projeto constituem a fase seguinte desta nossa análise. Tendo já tomada a decisão de que vamos trabalhar em um projeto ligado à missão, inicia-se a caminhada para sua elaboração, aprovação, busca de recursos e execução. Porém antes gostaria de relembrar uma posição pessoal já citada anteriormente, que o missionário deve preferencialmente iniciar um novo projeto a partir do segundo período no campo, mas não há problemas que trabalhe na sua elaboração a partir do segundo ano de campo.

Evitando frustrações e desentendimentos

Um outro fator importante no desenvolvimento de projetos é que a missão e seu departamento de projetos sejam realistas quanto ao interesse e as possibilidades de realização do dito projeto pois aceitar um profissional para trabalhar com a missão, dando-lhe

expectativas de que poderá desenvolver projetos em sua área de formação e passado um certo período o missionário constatar que boa parte do que havia sido programado não pode ser executado por diversas razões, é difícil e muitas vezes frustrante. E pode se tornar um motivo de baixas na equipe. Por esta razão penso que ao aceitar um profissional devemos ver se este deseja desenvolver sua profissão no país, e como deseja fazê-la, com a missão ou outro organismo. Analisar se sua proposta de trabalho é factível ou irreal. Baseado nisto averiguar se temos ou não condições de apoiá-lo, oferecendo os recursos necessários e se não os tivermos como vamos buscá-los. Se não tivermos as condições necessárias o interessante seria estudar como envolvê-lo no país em outra organização, por meio de parcerias, a fim de que este possa exercer sua profissão. E numa última hipótese, mas que deve ser considerada, dizer ao candidato que no momento a missão não conta com recursos para recebê-lo. Creio que o pensamento de: “manda a pessoa vir e depois veremos o que vamos fazer”, não pode guiar estas decisões e contatos com candidatos ao campo. Pois ao final pode ser mais prejudicial que benéfica. Um profissional que deixa seu trabalho no país natal, para se instalar em outro, com a finalidade de desenvolver sua profissão para o avanço do Evangelho, prefere e espera posições e informações mais concretas e realistas quanto o seu futuro.

Por esta razão penso que nós temos que preocupar-nos muito com o crescimento de nosso departamento de projetos e sua capacidade de buscar recursos para a implementação e execução dos mesmos. Temos tido um objetivo de crescer como missão, em ministérios, em número de países alcançados e um objetivo para obter maior número de obreiros. Tudo isto é muito bom e louvável. Porém me pergunto como temos planejado o crescimento do departamento de projetos? Vamos buscar crescer na mesma proporção? Oferecendo recursos aos missionários que

trabalham como profissionais no campo? Atualmente, as vezes, faltam recursos para manter os projetos já existentes. Se continuarmos nesta perspectiva vamos ter que chegar ao ponto de recusarmos o ingresso de profissionais missionários.

É preciso também neste momento responder a outra pergunta. Até que ponto desejamos, como organização, crescer no número de projetos e profissionais missionários no campo?

Todas estas questões nos levam a uma reflexão de diversos fatores que implicam na participação de profissionais missionários em projetos desenvolvidos por nossa missão.

O mais importante é formar outros

No que tange ao desenvolvimento de projetos gostaria de compartilhar um pouco da experiência que tivemos nestes quatro anos de trabalho com a missão no campo.

Desde que chegamos a primeira vez em Granada, para apresentar nossos planos de trabalho para o campo, fomos bem recebidos e estimulados pelos líderes da missão, e vimos que a organização estava interessada em um trabalho na área médica. Quando iniciamos nosso envolvimento no projeto de saúde no país, recebemos bastante apoio por parte da liderança, inclusive líder local de país. Conseguimos obter os recursos necessários para iniciar os trabalhos e aumentar as áreas de atendimento. Hoje contamos com um trabalho bem maior do que quando iniciamos. Temos uma clínica na comunidade, onde funciona uma farmácia e enfermagem, e desenvolvemos um projeto de consultas para as aldeias. Tudo isto pode ser realizado pelo apoio de outros colegas missionários e nacionais que trabalham conosco. Neste tempo pude aprender coisas, errar e acertar. Baseado nestas vivências passo a descrever alguns pensamentos quanto ao desenvolvimento e gestão de projetos.

Geralmente quando iniciamos um projeto, trazemos muito do nosso modo estrangeiro de pensar e fazer. Por vivermos num contexto completamente diferente, muitas de nossas estratégias e planos de trabalho podem não funcionar bem. Penso que desde a elaboração do projeto e principalmente a partir de sua execução deve-se tentar ao máximo obter a participação ativa de crentes nacionais. É verdade que muitas vezes não os temos no início do trabalho. Porém, aparecendo a oportunidade de ter nacionais ao nosso lado, devemos envolvê-los o mais cedo possível. Isto faz com que o projeto se inicie mais adaptado culturalmente e permite uma melhor transição de responsabilidades e liderança no futuro. Como exemplo cito a doutora Patrícia, uma pediatra francesa que trabalhou com Jocum. Ela escreveu uma monografia acerca do trabalho médico de sua missão. E um dos temas que menciona é a dificuldade atual que a missão encontra no país para efetuar a transição de liderança no projeto de saúde. Ela explica que o projeto médico social conta com grande número de nacionais treinados e que exercem diversas funções. Porém, a grande dificuldade é fazer com que estes nacionais liderem e gerenciem um sistema que foi criado e implementado a maneira estrangeira. E advoga a necessidade da participação nacional o mais precoce possível, e que estes possam também ajudar na criação e execução dos projetos. Neste momento cabe uma pergunta. Será que estamos realmente dispostos a deixar que nacionais assumam os cargos, autoridade, posição de liderança e responsabilidades que temos hoje? Se a resposta é não, penso que o melhor é nem começar um projeto. Pois será cansaço, gasto e desperdício por muito pouco.

Temos que ter em mente que não vamos poder ficar todo o tempo no campo e que um dia vamos regressar ao nosso país de origem. E como ficará o projeto que trabalhamos por vários anos? Vai acabar quando entrarmos no avião? O melhor é ter

uma mentalidade já desde o início de formar e instruir nacionais, e capacitá-los para assumirem responsabilidades. Isto pode ser um pouco difícil para nós os latinos que ainda trazemos uma mentalidade de fazer tudo na obra missionária. Pensamos que devemos pregar, discipular, construir a igreja, ensinar e tudo mais, como se o ministério dependesse exclusivamente de nós. E quando voltamos para casa, tudo que construímos durante anos se desmorona. Não me esqueço da fala de dois missionários. O primeiro foi Dr. Stephen Foster, médico canadense missionário em Angola, que Deus usou para me chamar ao ministério. Ao conversar com ele, compartilhando que Deus havia usado sua pregação e testemunho para me chamar ao ministério médico missionário, ele me respondeu dizendo: “empenhe-se mais em formar e instruir outros em sua área de formação, que em consultar centenas de pacientes ao dia, pois formar outros é mais importante e eficaz que consultar pacientes”. A segunda frase que tocou minha visão de ministério e me faz pensar nesta direção é o que falou Anete, uma enfermeira de Jocum que em 30 anos de trabalho percorreu vários países da África. Em uma conversa informal ela me disse: “Ao iniciar um trabalho na área de saúde, não o construa baseado em você mesmo, dando a impressão ao povo que chegou o grande médico branco que cura melhor que o negro. Mas busque colocar-se atrás do nacional, promova o nacional, ajudando e ensinando-o a melhor fazer o trabalho de saúde. Isto vai garantir o sucesso e durabilidade do seu ministério”. Estamos experimentando isto em nosso trabalho no campo. Temos investido na formação e capacitação de alguns nacionais em domínios diferentes na saúde. E temos como objetivo que estes, com o decorrer do tempo, possam assumir integralmente as responsabilidades no atendimento e liderança do trabalho local. A participação de nacionais em nosso trabalho ainda é pequena,

mas ajudá-los em sua formação tem sido muito gratificante e recompensador.

Assistência ou desenvolvimento

Quanto aos recursos para fazer caminhar o projeto contamos basicamente com duas fontes de entradas. Entradas do exterior, que são as doações de organizações parceiras, e as entradas internas provenientes dos próprios usuários do projeto, no que pagam pela utilização dos serviços prestados. Vejo que temos experimentado uma crise financeira mundial, que reflete nas doações para obras sociais causando uma queda nas ofertas que temos recebido. Além deste fator estamos percebendo uma mudança na mentalidade dos doadores que visam muito mais apoiar iniciativas desenvolvidas por nacionais ou por estrangeiros que trabalham na capacitação de nacionais. Em nosso trabalho local ainda temos uma dependência muito grande do exterior (maior que 50%) e não estamos ainda contando com participação efetiva de um bom número de nacionais nas atividades, ou seja, o trabalho ainda depende muito de nós, os missionários estrangeiros. Neste aspecto me parece que estamos nadando contra a corrente; e precisamos buscar modos de tornar nossos projetos mais eficientes e bem gerenciados a ponto de cobrirem a grande parte dos gastos, ou melhor ainda, se auto sustentarem. E quanto aos nacionais procurar envolvê-los o máximo possível nos trabalhos e funções de direção.

Precisamos mudar a nossa dinâmica de busca e utilização de recursos. Se desejarmos plantar projetos que durem anos não podemos trabalhar baseados numa mentalidade assistencialista; onde vemos os “bondosos missionários”, que buscam doações no exterior para ajudar “aos pobrezinhos da África”. Em realidade o povo que temos visto não é tão pobrezinho assim e pode pagar algo pelo serviço prestado. Necessitamos sair deste ciclo

vicioso, alimentado pelo pensamento de que o missionário estrangeiro tem a obrigação de ajudar os pobres e por outro lado o pobre está esperando que o missionário o ajude em tudo, e muitas vezes acha que este tem obrigação em fazê-lo. Achamos que ajudamos a população e esta pensa que esta sendo ajudada. Para promover o desenvolvimento entre um povo não basta apenas ajudar, é preciso saber como ajudar. Senão corremos o risco de causar mais prejuízo, a longo termo, que auxílio. É preciso promover ação social e não realizar somente assistência social.

Não podemos utilizar todos os recursos que recebemos do exterior para cobrir gastos com empregados, aluguel e outras despesas mensais. O melhor seria utilizar este dinheiro para investir na melhoria dos projetos e na aquisição de um local próprio, e com o que o projeto gera localmente cobrir os gastos mensais fixos. Se pudéssemos contar a quantidade de dinheiro que entrou nestes últimos anos em nossos projetos, talvez já tivéssemos uma sede própria no país. Penso que houve um erro estratégico, do qual também faço parte e não tenho a intenção de acusar ninguém. Minha intenção é a de chamar nossa atenção para reflexão e busca de uma maneira de melhor gerenciar os recursos.

É interessante pensar na experiência positiva do Centro Médico Social da Jocum. Eles ao iniciarem o trabalho, se preocuparam em ter um local próprio e equipá-lo, e a partir de então cobrem os seus gastos mensais com empregados e demais despesas, utilizando os pagamentos por paciente como principal fonte de sustento. Este exemplo mostra que podemos desenvolver projetos no país que ajudem a população prestando serviços de qualidade, oferecendo emprego e formação aos crentes locais, onde a população beneficiada paga pelos serviços recebidos, e que

praticam preços acessíveis em comparação a outras estruturas do país.

Liderança do projeto

Um outro aspecto que desejo abordar é a maneira pela qual o projeto é supervisionado e liderado no campo. Confesso que para mim, foi um ponto de conflito e incompreensão durante o primeiro período no campo. É difícil saber onde começa e termina a autoridade do líder de campo e líder de projeto, e em algumas situações estes limites não se mostraram claros e bem definidos. O que provocou choques e desgastes desnecessários entre a equipe. Por um lado o profissional quando chega a uma missão para trabalhar pode estranhar os sistema de liderança e gerenciamento, que é diferente de seu ambiente de trabalho anterior. E de outra parte a missão também, bem como a equipe pode não estar acostumado como liderar profissionais e os projetos que são levados por eles. Creio que em nosso caso houve falta de experiência de ambas as partes, por se tratar de um projeto pioneiro na área de saúde.

Sabemos que o projeto, seja qual for, faz parte de um todo que é a equipe. E o projeto não tem um fim em si mesmo, e este deve estar debaixo da supervisão da equipe e líder local. Estamos cientes de que deve existir uma hierarquia na liderança dos trabalhos que faça a coordenação das atividades. Deve haver uma interação positiva entre a equipe missionária e os projetos. Porém é fundamental saber até que ponto a equipe e o seu líder interferem nas decisões, planos e atividades no projeto. Um exemplo prático é que em certas questões do projeto como compra de medicamentos, ou maneira pela qual se vai realizar o atendimento na aldeia, ou quem vai estar consultando no Centro médico, não são questões que cabem a toda equipe decidir e também não necessitam de uma interferência do líder de equipe. Mas

deveriam estar sob a supervisão do responsável direto pelo trabalho e os seus auxiliares. E estes prestando contas ao líder de equipe. E para que este tipo de administração se produza é preciso construí-la sob a base da delegação de autoridade e funções. É necessário descentralizar a autoridade e o poder de decisão. O que permitirá que cada pessoa que é dirigente de projeto tenha verdadeiramente a responsabilidade e o estímulo necessários para liderar, e fará com que certos trabalhos no projeto possam fluir com mais facilidade. Delegar faz com que aquele que participa do projeto assuma uma maior responsabilidade e se sinta como parte integrante do mesmo; e o motive a participar ativamente, por não se ver como alguém que apenas executa as idéias de outro.

Ainda a respeito de liderança de projeto, vejo que seria importante pensar no processo de escolha do seu líder e quanto tempo este deve permanecer no cargo. Penso ser interessante haver um processo democrático de eleição, um líder escolhido pela equipe de trabalho terá mais facilidades para conduzir o grupo que um líder indicado ou imposto. Por outro lado esta liderança deve ter um tempo limitado, se estabelecendo um mandato de dois ou três anos. Buscar a renovação de liderança é importante e traz novo fôlego e nova visão em alguns momentos. O que penso ser mais importante ainda é a formação e preparação de um líder africano local, que no futuro possa assumir a responsabilidade de chefiar os trabalhos. Tenho visto que como equipe no campo estamos amadurecendo nestas questões de liderança de projetos e ainda temos que dar passos adiante.

Como já disse anteriormente temos visto um departamento de projetos que não cresceu na mesma proporção que os projetos desenvolvidos atualmente pela missão. Um segundo fator é que o trabalho de saúde tem certas particularidades que o diferenciam

das demais áreas. Um terceiro aspecto é que o trabalho de saúde no país é único em toda a missão. E em quarto lugar temos visto um crescimento do número de profissionais na saúde que estão se engajando. Por estas razões penso ser importante refletirmos na possibilidade de estabelecer um departamento específico para o gerenciamento e coordenação dos projetos de saúde. Lembro-me que quando passei por Granada em 1999, um ano antes de nossa chegada ao campo, já havia planos de que o doutor Abel Panoto viria assumir esta função de coordenação dentro da missão. Entretanto durante os anos que ele esteve trabalhando com a missão, por motivos que desconheço, percebi que não houve um aproveitamento de todo o potencial que este missionário tem, haja vista sua vasta experiência de campo e profissional. Parece-me que por outro lado não houve também um reconhecimento, por partes dos líderes da missão, do doutor Abel como um coordenador de projetos de saúde. Acredito que um departamento de projetos de saúde, sob a supervisão do líder geral de Projetos, mas com uma liderança de quem está na área e faz parte do trabalho, poderia facilitar o andamento dos projetos que já existem na área e outros que surgirão eventualmente no futuro; aliviando um pouco o peso sobre o departamento de projetos de Granada.

CAPÍTULO 5

Profissionalismo x amadorismo

NO CONTEXTO DO PAÍS sabe-se que existem muitas ONGs que executam os mais diferentes tipos de auxílio à população. Muitos trabalham desenvolvendo projetos na área de saúde. Se olharmos do ponto de vista do trabalho e das atividades que exercemos, estamos em meio de uma concorrência com outras clínicas benevolentes que existem no país. E se analisarmos a situação com profundidade, existem muitos outros projetos de saúde que trabalham da mesma forma que nós, e até mesmo outros que fazem um trabalho superior em qualidade de serviços à comunidade. Por esta razão me pergunto, no que nos diferenciamos dos outros projetos de saúde que pertencem a outras organizações? Refletindo por este prisma creio que temos que buscar fazer um trabalho de qualidade, procurando ser melhores e especializados, tendo como padrão um atendimento de qualidade. Creio que neste aspecto podemos encontrar um problema quando se desenvolve um projeto baseado no trabalho de

voluntários e de missionários. De modo geral como missionários não temos, às vezes, a idéia de sermos profissionais em determinados momentos do nosso ministério. Quando contamos com voluntários faltam o compromisso e dedicação necessários. Em se tratando de missionários, e nós como latinos, somos mais preguiçosos, e não entendemos as vezes que trabalho é trabalho, mesmo que seja dentro de uma missão ou igreja. É muito duro cobrar responsabilidade de um missionário, quanto ao trabalho no projeto, pois este crê que não deve dar satisfação a ninguém senão ao líder de equipe. Pensamos que como é para o Senhor, ou para a igreja, e para ajudar os pobres, o importante é fazer algo, e não importando muito o modo como se vai executar. É preciso mais responsabilidade e compromisso com o trabalho, mesmo sendo um projeto da missão; mesmo que sejamos liderados por um colega missionário.

Sendo guiados por esta filosofia de “ajudar a qualquer custo”, corremos o risco de fazer as coisas sem grandes preocupações com a qualidade do serviço prestado ao povo. E isto pode nos levar a iniciar projetos em áreas que não temos experiência. A dar funções e responsabilidades a pessoas não treinadas na área ou não qualificadas. E no final o que parecia ser uma ajuda, pode tornar-se prejudicial às pessoas atendidas.

Gostaria de contar uma experiência pessoal. Desde que começamos o trabalho no campo, ao iniciar o atendimento médico trabalhava no início com crianças, mas vendo a grande necessidade comecei a atender adultos e idosos. Foi positivo o aspecto de ter contato com uma faixa etária de pacientes que havia deixado de atender desde que terminei a faculdade de medicina. Entretanto é para mim frustrante em alguns momentos não poder atendê-los do modo como desejara, devido ao fato de ter feito especialização em pediatria. Gostaria de ir um pouco mais longe no tratamento destas pessoas, porém estou limitado. Alguns podem

pensar: “mas você não é médico?” Na verdade a área onde sinto mais satisfação consultando, e o domínio onde estou mais preparado para oferecer um atendimento de qualidade é em pediatria. Chego a pensar que nunca deveria ter começado a atender adultos no campo, mas creio que tudo teve um propósito e utilidade no princípio dos trabalhos na comunidade. Entretanto agora que já contamos com ajuda de outros que podem fazer consulta geral, tenho buscado me dedicar mais à pediatria. Acho ser um desperdício não estar usando toda a formação e experiência que obtive no Brasil, para realizar um bom trabalho com crianças. Sobre tudo num país onde mais de 50% da população tem idade inferior a 15 anos.

Penso que antes de começar um projeto devemos fazer algumas perguntas e respondê-las com sinceridade, decidindo se vamos ou não iniciar tal plano. Será que o que desejamos fazer é realmente uma necessidade e anseio da população? Temos os recursos necessários para trabalhar com eficiência? Contamos com pessoas qualificadas e treinadas para executar as metas? Estamos interessados em fazer um trabalho de qualidade? Temos como objetivo impactar a sociedade com nosso trabalho? Nossa intenção ao abrir um projeto é de apenas fazer algum tipo de trabalho que justifique nossa presença na cidade?

A qualidade de nosso trabalho está diretamente relacionada com o testemunho. Um médico que não cuida bem de seus pacientes, e não goza de boa reputação no bairro como profissional, certamente não transmitirá um bom testemunho do Evangelho. Lembro novamente de uma segunda fala do Dr. Foster, que me marcou, na época estava no segundo ano da faculdade. Ele me disse: “se você deseja se dedicar à obra missionária estude muito e busque ser o melhor médico, para que possa dar um bom testemunho no campo, pois estes países necessitam de profissionais

que se destaquem em relação aos outros”. Ao revisarmos as biografias missionárias podemos constatar que grande número de missionários não apenas evangelizaram, mas causaram mudanças importantes nas localidades por onde passaram, criando escolas e hospitais de nível elevado, realizando descobertas científicas, deixando uma marca inesquecível no campo onde viveram. Devemos ter esta visão de sermos bons profissionais, que se destacam pela qualidade de nosso trabalho, bem como no trato com as pessoas. Muitas vezes escutamos testemunhos de pessoas que vêm ao nosso projeto e dizem: “nunca fomos tão bem tratados em outro lugar como pela equipe que aqui trabalha”. Porém não basta apenas ser gentil com as pessoas, dar atenção a cada um, é preciso mais que isso. É necessário fazer um diagnóstico correto, receitar bons medicamentos e ser eficiente no trabalho.

Outro aspecto que experimentei no projeto de saúde, foi a falta de recursos em algumas situações no trabalho. Algumas condições mínimas que limitaram o avanço do trabalho e até mesmo impediram a realização de atividades básicas. Um exemplo disto é o consultório para a aldeia. Iniciamos este trabalho há três anos, e até o momento não contamos com um carro que nos possibilite ir a aldeia com regularidade, sendo fiel aos compromissos assumidos com os pacientes. É difícil prescrever determinado remédio que necessita controle semanal, e não poder rever o paciente por falta de um veículo ou outros impedimentos. Estamos atendendo ainda ao ar livre, e não conseguimos construir e equipar um pequeno posto de saúde. Percebo que estes diversos fatores, primeiramente desencorajam o profissional que está no projeto. Em segundo lugar causa descrédito entre a população assistida, fazendo com que o programa não avance ou até mesmo regrida. É também arriscado trabalhar desta forma, não tendo algumas condições básicas de manter o controle do que se preceve. Um profissional não pode trabalhar como amador. É

fundamental termos as condições para o trabalho, ou então nos resta a alternativa de fechar o projeto. Pode parecer um pouco radical, mas se não for para trabalhar desenvolvendo um bom projeto que tenha impacto na sociedade, é melhor não fazê-lo. Não fazer nada se constitui um problema, principalmente em países muçulmanos onde a atividade secular abre portas à evangelização. Somos praticamente obrigados a ter projetos de ajuda humanitária. Entretanto esta necessidade pode se tornar um laço. Principalmente se somos motivados a realizar um projeto, apenas para justificar nossa presença na cidade ou país. Esta não pode ser nunca nossa motivação, mesmo que oculta. Recordo-me que ao visitar pela primeira vez a oficina em Granada Marcos Amado nos disse: “Na missão realizamos projetos de ação social sem segundas intenções, servimos aos povos por servir, por amor e gratidão a Cristo”. Se trabalharmos nesta visão, estaremos longe de praticar o proselitismo e nossas ações verdadeiras e cheias de amor vão impactar o povo com o qual trabalhamos.

Ainda falando sobre projetos com qualidade, penso que devemos ter como objetivo atingir certos padrões de excelência. Seria bom pensarmos no desenvolvimento de projetos em áreas que não estão sendo tocadas por nenhuma outra organização. O projeto da missionária Renata é um exemplo, são pouquíssimas as entidades que ajudam a crianças deficientes. Porque não pensar num trabalho especializado em pediatria na comunidade, é algo que não existe ainda. Penso que temos de buscar um padrão de excelência nos atendimentos a ponto de sermos praticamente indispensáveis para a população local, onde nosso trabalho seja visto como essencial, um ponto de referência para a sociedade. Isto é qualidade e excelência!

Um aspecto importante para se alcançar tal nível na prestação de serviços, é investir na capacitação continuada de missioná-

rios e nacionais que trabalham no projeto. O profissional quando deixa seu emprego no país para dedicar-se em uma obra social numa nação pobre, naturalmente está perdendo muitas oportunidades de crescimento em sua carreira. Durante nosso processo de desligamento no Brasil, tivemos que recusar dois excelentes convites. O primeiro para me engajar no serviço de patologia clínica de minha faculdade e ocupar o cargo de professor auxiliar de histologia. O segundo, já a poucos meses antes de vir ao campo, recebemos um convite para iniciarmos uma especialização em UTI pediátrica em São Paulo. Todos foram sonhos que deixamos, bem como grandes oportunidades de se iniciar no meio acadêmico. Quando aceitamos o chamado, estamos cientes das perdas que sofreremos, e faz parte do ser missionário. Além das oportunidades perdidas, o missionário pode se desatualizar profissionalmente, por não estar em contato com os recursos do seu país e/ou não praticar os mesmos procedimentos e técnicas que rotineiramente fazia no seu trabalho. Onde eu trabalhei em São Paulo, tínhamos muitos recursos técnicos para exercer a medicina, e o número de procedimentos médicos especializados que realizávamos era grande a cada semana. Atualmente no tipo de trabalho ambulatorial que desenvolvo não faço nem a metade do que fazia no Brasil. E se continuar desta maneira, dentro de alguns anos posso desaprender certas coisas de minha especialidade. Isto para mim é o pior, pois além de não aproveitar todo potencial de uma pessoa, ainda podemos aos pouco enterrando nossos talentos e habilidades. Creio que uma perda natural sempre haverá quando se deixa o país. Não sendo pessimista, por outro lado ganhamos com experiências e vivências que outro não teria ficando no Brasil. No que toca aos empregados nacionais, estes não devem estar estagnados no conhecimento, sobretudo se temos planos de transferir-lhes responsabilidades no futuro. Devemos investir na sua capacitação e treinamento, oferecer cursos,

promover temas para debates e aulas instrutivas dentro do programa de trabalho. Outro aspecto importante é oferecer trabalho e salários dignos aos funcionários nacionais, a fim de que estes possam manter suas famílias e não buscar outro emprego depois que tenham boa experiência no ramo. Quanto aos missionários que são profissionais, seria bom pensar na possibilidade de oferecer-lhes a oportunidade de fazerem cursos de atualização e especialização em seus domínios. E de uma certa forma penso que a missão poderia não somente oferecer, mas de uma maneira “cobrar” do profissional que periodicamente se atualize.

Creio que estas medidas podem nos ajudar a ter projetos de qualidade e relevantes na sociedade. Deixando cada vez mais de lado o amadorismo para sermos profissionais, profissionais por Cristo.

CAPÍTULO 6

Missionário médico ou médico missionário?

A LGUÉM PODERIA ME PERGUNTAR, você é um médico missionário ou um missionário médico? Aparentemente a pergunta é sem sentido, pois se pode pensar que os dois são a mesma coisa e que não há diferença alguma. Quando cheguei ao campo e durante os dois primeiros anos de ministério eu sempre me fazia esta pergunta; buscando reconhecer qual era minha verdadeira identidade e função no trabalho missionário. E este questionamento gerou uma certa “crise de identidade ministerial”. Muitas vezes me perguntava se o ministério que estava desenvolvendo valia realmente a pena, se consultar vários pacientes toda a semana era também ser missionário. Pois em alguns momentos pensava que ao consultar estava sendo tudo, menos um obreiro. Por outro lado o ambiente na equipe missionária quando cheguei ainda era fechado ao trabalho social. Embora a missão já desenvolvesse na época trabalhos na comunidade, como a escola de costura, não havia uma crença

prática de que um trabalho social faz parte do ministério missionário. Por vezes recebia críticas em estar muito envolvido nas consultas e não dedicar a mesma quantidade de tempo às atividades evangelísticas. Estes comentários aumentaram ainda mais a minha angústia e questionamento interior.

É um sentimento estranho que invade o nosso coração como profissional, pois ao mesmo tempo em que amamos a nossa profissão, amamos mais ainda o Senhor e a Obra, prova disto é termos deixado todo trabalho no Brasil para vir ao campo. Sentimos necessidade de trabalhar e desenvolver algo em nossa área de formação, mas tudo com o objetivo maior de evangelizar, ajudar a plantar a igreja. Para atuar na profissão exige tempo e dedicação, e somos absorvidos em grande parte do dia, é natural. E como não nos sobra tanto tempo para realizar o que chamamos de evangelização, então ficamos frustrados por ter a idéia de que se esta em falta, falta com o grande propósito para o qual fomos enviados. Neste momento eu pergunto: o que é evangelizar? Como podemos testemunhar de Jesus? O que é ser testemunha de Jesus no meio de um povo não alcançado? É apenas sair visitando, pregando e distribuindo literatura evangélica? São questões para uma boa reflexão!

Novamente vem a pergunta a cabeça, sou médico missionário ou missionário médico? Em um dia quando estava no auge desta “crise” fui trabalhar no consultório. Cansado e desanimado, mas fui, orando e pedindo ao Senhor que me mostrasse que o trabalho que faço como médico tinha realmente relevância na obra missionária. Naqueles dias me sentia cansado e desanimado com o trabalho, por sentir que apenas estava sendo explorado pelas pessoas, as quais buscavam apenas um médico que lhes desse o que precisavam. Confesso que me sentia usado e explorado. Pensei comigo: “melhor voltar ao Brasil, pois lá ao menos eu ganho dinheiro consultando”. Em meio a estes pensamentos,

orava durante todo trabalho, e angustiado rogava a Jesus que ele falasse comigo mostrando que meu trabalho como médico no campo tinha valor. Qual foi minha surpresa quando ao terminar a última consulta, um senhor idoso estava a porta com uma criança me esperando, e pediu que a consultasse especialmente. Consultei a criança e consegui os remédios que precisava, pois de fato estava muito enferma. Passado mais de trinta minutos este senhor de 67 anos de idade, retornou ao centro, e me fazendo entrar no consultório disse: “Eu estava em casa sentado, mas não tive paz no meu coração, estava perturbado pelo desejo de vir aqui e te dizer obrigado pelo que você fez pelo meu filho, e por tudo que você tem feito neste anos por minha família.” Ao terminar de falar ele começou a chorar e ensaiou um abraço, e em lágrimas e tremulo apertou a minha mão e se foi. Confesso que nunca tinha visto um homem africano, muçulmano e idoso chorar diante de alguém, sobretudo mais jovem como eu. Quando ele deixou minha sala, tranquei a porta e chorei uns cinco minutos. Pensei: “Jesus ouviu a oração que fiz durante todo o dia, e em pele negra, veio dizer que meu trabalho como médico tinha valor”. Ainda a noite quando cheguei a casa, já aliviado e emocionado, abri minha bíblia e ao folhear cai num versículo que foi uma resposta e confirmação do que se acabara de passar. O texto é o de Isaías 62:10: “Passai, passai pelas portas; preparai o caminho ao povo; aterrai, aterrai a estrada, limpai-a das pedras; arvorai bandeira aos povos”. Entendi claramente a partir deste dia o que o Senhor esperava da minha profissão no campo. Foi para minha uma palavra de confirmação muito importante no coração. Entendi que meu ministério como médico pode ser muitas vezes como um trator que vai adiante limpando e preparando a estrada afim de que outros possam passar, semear e plantar. Não é isto o que disse Paulo? Que um planta, outro rega e Deus dá o crescimento?

Respondendo então à pergunta inicial, me vejo como um “médico missionário”. Como alguém que gosta da profissão, que desenvolve projetos para ajudar aos nacionais, alguém que atenda aos pacientes, e busca atender bem, com cuidado e atenção. Testemunhando Jesus no momento que coloco o estetoscópio no peito de um enfermo, quando escrevo e explico a receita, ao ouvir um paciente apresentar suas queixas. Usar minha profissão para abrir portas à evangelização em aldeias onde um evangelista não entraria facilmente. Assim vejo alguém que é médico missionário, uma pessoa que se dedica na sua profissão visando o testemunho da Palavra por meio das boas obras, e abertura de portas para evangelização em locais restritos ou fechados. Alguns podem ter a idéia de que consultar um enfermo não é evangelizar, mas quero dizer que isto também é evangelizar, é evangelizar com a vida e atitudes de amor, como escreveu Tiago: “e eu, com as obras te mostrarei a minha fé”.

Creio que também alguns colegas médicos podem preferir ser “missionário médico”, os que segundo a análise que faço, dedicam mais tempo a evangelização, pregação da palavra e plantação da igreja, como trabalho principal, e reservam menos tempo ao exercício da medicina.

Os dois tipos de trabalho e visão de ministério são validos e importantes no avanço do Reino. É preciso ter sempre equilíbrio, pois se considerando um “médico missionário” é importante buscar um tempo para o contato com as pessoas visando o anúncio direto do Evangelho.

Entretanto pode haver alguns colegas que queiram dedicar mais tempo ainda a profissão. Devemos considerar estes casos, principalmente sabendo do benefício que o trabalho médico traz para a evangelização. Trabalhamos em equipe, e os que não tem formação médica, por exemplo, e que vieram para o trabalho

evangelístico exclusivo, podem cobrir esta área, aproveitando os contatos e aberturas conquistados pelo trabalho de saúde. Foi mais ou menos isto que fizeram os apóstolos ao escolher os diáconos, consagrando-os a servir às viúvas e os pobres, enquanto aqueles se dedicam ao ensino da Palavra. Penso que neste aspecto precisamos ser mais abertos e organizados usando de estratégia para alcançarmos os objetivos na evangelização. Penso ser um desperdício ter profissionais qualificados numa equipe, que desejam desenvolver sua profissão em projetos que vão auxiliar a missão em seus objetivos, e cobrar destes que se envolvam na evangelização e discipulado, tirando-lhes o tempo de trabalhar em sua área, enquanto outros poderiam fazê-lo. Na minha opinião não é sábio, e muito menos estratégico agir desta forma. Lembro-me que certa vez alguém me disse que eu não deveria trabalhar tanto como médico a ponto de não ter tempo para dedicar a evangelização. Esta pessoa tem uma posição importante em nossa missão. Creio ser esta uma visão que como igrejas, missionários e missões nós ainda carregamos na bagagem, se justifica pelo fato de que o envolvimento de profissionais em missões na América Latina ainda é recente. Ainda trazemos a idéia de que missionário é aquele que se dedica exclusivamente à evangelização. Não entendemos como missionários os que trabalham em escritórios, projetos sociais e outros ministérios de apoio. Esperamos que esta mentalidade possa mudar nos próximos 20 anos.

É necessário haver compreensão e apoio aos que desejam se dedicar mais à profissão, pois para desenvolver bons projetos que vão tocar a sociedade é preciso tempo e empenho por parte do profissional missionário, compreendendo que Deus chamou a cada um de uma maneira particular, e que está através da sua multiforme Graça abençoando as nações e povos não alcançados por meio da multiplicidade de dons, vocações, talentos e chamados.

CAPÍTULO 7

Portas que se abrem

QUANDO ERA UM ADOLESCENTE sempre li e ouvi falar acerca da importância do trabalho médico na obra missionária. Já li a biografia de vários médicos que viveram para missões. Ao nos prepararmos e sairmos para trabalhar no campo como missionários, várias pessoas nos elogiaram e incentivaram, falando da importância e impacto de um trabalho desta natureza no campo. Viemos nesta expectativa, e vimos que a coisa não é bem assim, na verdade os resultados são mais difíceis de ver e ser médico no campo não quer dizer que tudo vai florescer fácil e rapidamente.

Em se tratando de um campo muçulmano a situação é mais difícil ainda, pois a resistência é muito forte ao Evangelho. Por esta mesma razão em alguns locais do país um trabalho social na área de saúde se torna uma ferramenta eficaz na abertura de portas nestas localidades. São regiões onde um missionário não profissional teria mais dificuldades para entrar. E temos visto e observado a cada dia que o exercício da profissão médica possi-

bilita o estabelecimento de amizades e contatos que favorecem a evangelização. Isto é básico, pois num país muçulmano evangelizar uma pessoa à maneira convencional, seja pela distribuição de folhetos, convite para vir à igreja ou pregação pública, é uma tarefa complicada. Muitas pessoas têm medo de serem vistas com um cristão ou entrando numa igreja; mesmo neste país que é um “país aberto” observamos que as pessoas se intimidam por esta estratégia e os resultados não são tão positivos, é até perigoso para os nacionais.

Creemos que é um ministério de apoio importante para a evangelização, haja visto os contatos que estão sendo estabelecidos diariamente com os pacientes. Pois buscamos não somente oferecer um bom atendimento em saúde ou sermos atenciosos com os pacientes; mas temos distribuído literatura evangélica e estes assistem à filmes bíblicos na sala de espera. Um outro aspecto interessante tem sido a experiência com os nossos empregados. Cada dia antes de começarmos os trabalhos temos orado e meditado na Palavra, de fato tem sido discipulado e edificação para muitos deles. Na comunidade temos objetivado a criação de um serviço de capelania, que cuide especificamente da parte espiritual do atendimento clínico, orientado, aconselhando e anunciando as Boas Novas aos pacientes.

Entretanto fazendo uma análise um pouco mais profunda, me pergunto como podemos ser mais eficazes no aproveitamento destes contatos que temos, visando a comunicação do Evangelho? Percebo que aí se mostra uma dificuldade e deficiência que temos como projeto missionário. Como equipe, em geral, temos dedicado muito tempo e recursos aos projetos sociais, e pouco à evangelização direta. Penso que precisamos distribuir de maneira mais sábia as funções e responsabilidades, e chamar mais pessoas que venham ao campo para se envolverem de tempo integral no trabalho evangelístico, e preparar os poucos nacionais que já

temos para envolverem-se nesta tarefa. Uma outra opção seria nos associarmos com outras missões e/ou igrejas locais para potencializar os esforços na evangelização. Não podemos após ter tido todo o trabalho para arar o campo deixar de lançar a semente, lançada a semente não podemos deixar de regar, em saindo o fruto não os podemos deixar apodrecer no pé. E infelizmente parece que em alguns momentos agimos assim, “nos matamos’ para preparar o campo e não temos lançado a semente, por falta de trabalhadores, falta de estratégia, falta de compreensão de que não podemos fazer a obra sozinhos. Temos que estar abertos para que outros participem em nosso trabalho, e não pensar que como doutor vou ter que curar, evangelizar, construir a igreja e pregar. Quero e tenho me dedicado neste trabalho de proclamação, mas não tenho o tempo que desejaria, devido às responsabilidades com o projeto.

Desejamos que estas portas que estão se abrindo com os projetos possam ser aproveitadas para se comunicar o Evangelho de maneira clara e poderosa. Para que muitos destes pacientes que ali passam não encontrem apenas a cura de suas enfermidades passageiras, mas para que encontrem o remédio que dá Vida Eterna, Jesus Cristo.

Conclusão

GOSTARIA DE CONCLUIR esta pequena monografia de maneira bem simples. Meu desejo é que o que aqui foi escrito e compartilhado possa nos levar a uma reflexão sobre os aspectos positivos e negativos do trabalho médico missionário. E que ao final, possamos melhorar os ministérios que desenvolvemos. Não tenho a intenção de criticar ou ferir quem quer que seja com o que escrevi, e peço perdão se alguém se sentir pessoalmente afetado. Agradeço ao doutor Abel por me estimular a escrever estas linhas, e a minha esposa Andréa por me ajudar nas correções.

Que a Jesus seja a Glória para sempre entre as nações!

Dr. JULIO RIBEIRO (pseudônimo)

Médico pediatra, missionário da Terceira Igreja Presbiteriana de Itajubá.